

“Enquanto estive em S. Domingos, celebraram-se aí as festividades que, em todo o Brasil, têm lugar por ocasião de Pentecostes, mas que os habitantes do lugar haviam adiado, nesse ano, para o dia de S. João [...] Uma orquestra de músicos detestáveis, todos velhos e mestiços, veio colocar-se à frente dos dois oficiais [que estavam na frente do Imperador do Divino] e executou um hino em honra ao Imperador. À frente desses músicos alinharam-se alguns sacerdotes vestidos apenas com as batinas, e finalmente uma considerável multidão de povo seguiu todo o cortejo.

Chegando à porta da igreja, o Imperador ajoelhou-se [...] entrando na igreja [...] entouu-se então um Te Deum e, em seguida, cantou-se uma missa com música. As vozes eram agradáveis e afinadas, música pareceu-me bastante boa, e não se terá ouvido nada de parecido nas nossas pequenas cidades no centro da França. [...] Após a missa, formou-se o cortejo novamente; saímos da igreja e dirigimo-nos para a casa do Imperador. Durante o trajeto juntou-se a nós um grupo de crioulos disfarçados (foliões) [...] todos estavam mascarados [...] um deles trazia um violão ou pandeiro. Um único, que não estava disfarçado, marchava à frente do grupo e tocava um tambor semelhante aos dos exibidores de ursos. Um outro levava uma vara longa e dirigia a marcha.

Próximo à casa do Imperador armaram-se [...] duas longas mesas [...] Parte do cortejo tomou lugar diante das longas mesas [...] serviu-se um lauto jantar [...] Durante o jantar, os crioulos fantasiados não cessaram de dançar em volta das mesas, tocando seus instrumentos. Suas danças eram variadas e algumas bastante agradáveis. Em uma delas, que apenas era bizarra, os dançarinos agacharam-se em duas filas, colocando-se dois a dois um em frente ao outro, e enquanto um deles tocava o instrumento, o outro batia palmas. Várias mulheres, acompanhadas da música, vieram sucessivamente oferecer ao Imperador pratos de doces, que em seguida foram comidos pelos comensais. Essas oferendas são o resultado de alguma promessa feita ao Espírito Santo.

[...] Ao entardecer, os habitantes de S. Domingos voltaram à igreja, e lá se tirou a sorte o nome do novo Imperador. O do ano precedente entregou a seu sucessor as insígnias da dignidade, e um e outro foram reconduzidos solenemente às respectivas moradas. Durante toda a noite, os crioulos disfarçados percorreram as ruas cantando e dançando, e à meia-noite ainda se podia ouvi-los. É incrível como esses homens possam resistir a tamanha fadiga. [...] A festa decorreu em perfeita ordem e decência, e não ouvi gritos nem discussões”.



Referência do texto:

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000 [1816-1822] p. 284-286.

Informações sobre os autores:

Auguste de Saint-Hilaire nasceu em Orléans em 1779 e morreu na mesma cidade, em 1853. Oriundo de família nobre, teve formação em comércio e indústria no norte da Europa, a fim de dirigir uma empresa familiar de refinaria de açúcar, o que lhe propiciou domínio do inglês e do alemão, primordial à sua trajetória científica e cultura literária. Tinha grande interesse na literatura romântica e nos diários de viagem, citando em seus escritos Humboldt, Buffon, Herder, Bernardin de St Pierre, Madame de Staël, Chateaubriand Retornando à França, dedicou-se à história natural. Retornando à França, opta por estudar botânica, frequentando cursos no Museu de História Natural e na Faculdade de Medicina de Paris. Em 1816, graças a suas relações familiares, consegue integrar a delegação do Duque de Luxemburgo (cujo objetivo era resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse da Guiana, passado o período napoleônico), com financiamento do governo francês. Retornando à França em 1822, após seis anos no Brasil, e apesar de uma doença nervosa que o limitava, dedica-se a organizar seus escritos por 30 anos. Ele construiu uma carreira científica e uma imagem pública notáveis. Foi nomeado Cavaleiro da Legião de Honra em 1826, membro da Academia de Ciências em 1830 e em 1834 torna-se professor de botânica na Faculdade de Ciências de Paris. Aposenta-se em 1852 e falece no ano seguinte. Porém, aos poucos, sua notoriedade foi sendo obscurecida, e é hoje conhecido por um círculo restrito de botânicos ou pesquisadores brasilianistas.

FICHA ELABORADA POR MARIA CLARA MACEDO ABREU

GUALAXO
VIVO

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SOMS